

Sessão 3
Segunda Guerra Mundial: Memórias da Catástrofe



GUERRA AÉREA NA LITERATURA ALEMÃ E O CASO DE VERGELTUNG, DE GERT LEDIG

AERIAL WARFARE IN GERMAN LITERATURE AND THE CASE OF GERT LEDIG'S VERGELTUNG

Valéria Sabrina Pereira*
Universidade Federal de Minas Gerais(UFMG)

RESUMO

Em 1997, W.G. Sebald apresentou duas conferências na Universidade de Zurique, nas quais defendeu que os ataques aéreos sofridos pela Alemanha não encontravam praticamente nenhum eco nas representações literárias produzidas no país. Com a exceção de uma narrativa escrita por Hans Erich Nossack, as poucas descrições ficcionais eram breves e muito ornamentadas, não oferecendo uma imagem aproximada do que foi o horror dos bombardeios. Suas afirmações tiveram grande repercussão, servindo como um impulso fértil para a discussão do assunto. Nesse contexto, *Vergeltung* (Retaliação) (1956), de Gert Ledig, tornou-se a bandeira do crítico literário Volker Hage para afirmar que a literatura alemã produziu, sim, obras de relevância sobre o tema, mas o trauma não permitiu que houvesse uma recepção positiva dos leitores em geral, razão pela qual esse livro, assim como outros, caiu no esquecimento. Este artigo apresenta a discussão que envolve a tese de Sebald e algumas das características que podem ter ocasionado uma maior resistência a *Vergeltung* na época de seu lançamento: a brutalidade crua da destruição física e psíquica que trespassa todo o livro e o tratamento que o autor concede à questão dos bombardeios como retaliação.

PALAVRAS-CHAVE

Segunda Guerra, guerra aérea, memória

A GUERRA AÉREA NA LITERATURA ALEMÃ

A discussão sobre a representação da guerra aérea na literatura alemã teve como impulso inicial as duas conferências proferidas por W.G. Sebald em 1997 na Universidade de Zurique. Após realizar pesquisas sobre a representação dos bombardeios sofridos pela

* valeriasabrinap@gmail.com

Alemanha, o autor concluiu que não era possível encontrar mais do que “generalizações vagas” nos anais alemães e que eles mal haviam deixado “vestígio de dor na consciência coletiva”.¹ Os poucos relatos encontrados por Sebald foram redigidos por autores exilados ou que observavam o desenrolar dos fatos de um ponto de vista periférico, como o suíço Max Frisch. Após mencionar Victor Klemperer, que manteve em seus diários anotações que deveriam servir à publicação de *L.T.I.* (um estudo sobre o uso da língua pelos nazistas), e criticar o fato de que o romanista, ao comentar o bombardeio de Dresden, ateve-se aos limites traçados pela convenção linguística, Sebald concluiu que “o funcionamento continuado da linguagem normal na maioria dos relatos de testemunhas oculares levanta a dúvida sobre a autenticidade da experiência neles contida”, e que “[o]s relatos de testemunhas individuais têm, portanto, apenas um valor relativo e dependem da complementação por aquilo que se revela a um olhar sinótico, artificial”.² Em outras palavras, os ataques aéreos devem ser apresentados por meio de textos ficcionais, que seriam mais eficientes devido a sua capacidade de abrangência, aproximando-se mais do que teria sido o impacto real. Assim, o autor defendeu que Hans Erich Nossack teria sido o único que cumpriu o seu papel de realizar uma representação bem-sucedida do que foi o bombardeio na Alemanha com a prosa *Der Untergang* (O ocaso), publicada em 1950. Sebald também afirma que é dele o mérito de ter sido o único a redigir o que vira da forma menos ornamentada possível. A simples representação não seria suficiente, caso seu impacto não fosse duro como o que foi vivenciado durante os ataques. Sebald acredita que essa ausência na literatura pode ter sido causada por um impulso que direcionava a população à reconstrução, a uma “nova realidade despida de fisionomia própria”,³ um impulso que direcionava ao futuro e silenciava sobre o passado.

Suas conferências foram publicadas em forma de livro em 1999. Nessa ocasião, Sebald acresceu um capítulo no qual comenta as reações que obteve. Ele afirma que esperava que sua lista de livros e sua tese fossem completadas e corrigidas, mas que as cartas que recebeu acabaram servindo como confirmação para sua tese. Grande parte da correspondência que ele recebeu fazia menção a relatos não publicados, escritos principalmente com a intenção de manter a memória da própria família. Além disso, muitos escreveram sobre livros de baixa qualidade que tratavam do fato, e um professor escolar declarou ter verificado que os bombardeios foram descritos em diversos livros infantojuvenis lançados entre 1945 e 1960. Sebald, contudo, não tem nenhum interesse por esses gêneros, que ele considera como baixa literatura.

O artigo publicado por Volker Hage na revista *Spiegel* é o único que traz à atenção de Sebald títulos que ele considera dignos de nota. Mas a constatação de que eles caíram no esquecimento serve como mais uma confirmação de sua teoria. Entre as obras citadas por Hage, uma recebe atenção especial: *Vergeltung* (Retaliação), de Gert Ledig, publicado em 1956. Sebald tem uma opinião dividida sobre o valor da obra: ao mesmo

¹ SEBALD. *Guerra aérea e literatura*, p. 14.

² SEBALD. *Guerra aérea e literatura*, p. 31.

³ SEBALD. *Guerra aérea e literatura*, p. 17.

tempo que afirma que alguns momentos são captados com precisão assombrosa, considera que outros são “forçados”. Além disso, ele acredita que a razão para que a obra tenha caído no esquecimento tem uma conexão maior com a personalidade de Ledig, que ele considera “uma espécie de *maverick*”, do que com o caráter estético da obra. Ledig foi uma criança pobre, criada por parentes após o suicídio da mãe. Na guerra, ele lutou na Rússia, onde foi atingido duas vezes. Devido aos ferimentos, ele teve de abandonar a guerra e voltar para a Alemanha. Estabelecido em Leipzig, ele perdeu tudo o que tinha durante um bombardeio em 1944. Ledig chegou a ser convidado para participar de encontros do Grupo 47, mas só compareceu duas vezes. É verdade que a biografia atípica de Ledig pode ter sido responsável por problemas de socialização que fizeram com que ele não se sentisse confortável no Grupo 47 e decidisse largar a carreira de escritor para se dedicar à publicidade, mas também é essa biografia que garante, além da perspectiva tanto *front* quanto dos bombardeios na cidade, a capacidade de Ledig de realizar essa representação crua dos bombardeios.

As discussões sobre a guerra aérea continuaram após o lançamento do livro de Sebald. A réplica de Hage foi publicada em 2003 sob o título *Zeugen der Zerstörung: die Literaten und der Luftkrieg* (Testemunhas da destruição: escritores e a guerra aérea). O livro é dividido em duas partes: na primeira, Hage se dedica a apresentar as diferentes obras que relatam sobre os bombardeios e faz comentários sobre sua recepção na época, e, na segunda, desenvolve entrevistas com autores e críticos literários que já se dedicaram à guerra aérea, como Alexandre Kluge, Walter Kempowski, Marcel Reich-Ranicki, o estadunidense Kurt Vonnegut e o próprio Sebald.

No que toca ao “debate-Sebald”, Hage critica o autor pela grande quantidade de lacunas em sua lista de títulos sobre os bombardeios, assim como sua persistência em ignorar parte daqueles que haviam sido citados por Hage em seu artigo na *Spiegel*, mas enfatiza que ele compartilha “basicamente da opinião de que a representação da guerra aérea na literatura alemã não desempenhou um papel digno de nota”.⁴ Para comprovar que essa lacuna foi um fenômeno peculiar alemão, o crítico literário faz uso da comparação com outro país que sofreu perdas severas com os bombardeios: o Japão. O livro *Túmulo dos vagalumes*, escrito por Akiyuki Nosaka em 1968, trata do bombardeio que atingiu a cidade de Kobe em 1945 e tem como protagonistas dois jovens irmãos que se tornam órfãos e que não conseguem sobreviver às adversidades que surgem após o ataque. A obra teve grande sucesso no país e, até 1990, já havia vendido mais de dois milhões de cópias. Não há, na Alemanha, história de sucesso literário comparável a esse. O Japão, assim como a Alemanha, precisou de tempo para que o trauma originado pelos bombardeios pudesse ser trabalhado, mas o período necessário para que a discussão desse assunto fosse bem recebida foi mais breve. A justificativa que Hage aponta para tal é a atuação de ambos os países na guerra. No momento em que o Japão estava pronto para lidar com as feridas do passado, a Alemanha estava tratando de sua culpa pelo Holocausto, o que aconteceu tardiamente, apenas após os processos de Eichmann e de Auschwitz, que ocorreram nos primeiros anos da década de 1960.

⁴ HAGE. *Zeugen der Zerstörung: die Literaten und der Luftkrieg*, p. 114. Todas as traduções presentes neste artigo são de minha responsabilidade.

Não apenas as observações de Hage estão de acordo com o ponto de vista defendido por estudiosos da memória coletiva, como também todo o debate que se formou ao redor das afirmações feitas por Sebald em Zurique também se insere no quadro por eles desenhado. A memória ligada aos atores e aos acontecimentos da Segunda Guerra sofreu grandes mudanças com o passar dos anos e das gerações. Se hoje os horrores do Holocausto são muito difundidos, tamanha relevância não era atribuída a eles logo após o fim da guerra. Em um primeiro momento, calou-se sobre o genocídio dos judeus, como se fosse um assunto a ser evitado. As representações dos acontecimentos da Segunda Guerra passaram por um desenvolvimento de três fases. Estas são bem definidas e discutidas no livro de Jörg Rüsen: “Poder-se-ia separá-las cronologicamente pelas datas de virada de 1968 e 1989 (com a mistura habitual de arbitrariedade e força simbólica de tais números), e associá-las a três gerações: a geração da guerra e da reconstrução, a geração do pós-guerra e seus filhos”.⁵

Durante a primeira geração, houve o que Rüsen denomina de *kollektive Beschweigung der Naziverbrechen* (silenciamento coletivo sobre os crimes nazistas), uma estratégia política bem-sucedida para que a integração fosse viável dentro da RFA. Nesse período, os alemães se consideravam vítimas do regime e os (maiores expoentes) nazistas foram demonizados e excluídos da sociedade. Foi a época da publicação de títulos como *Onde estiveste, Adão?* (1951), de Heinrich Böll, e *Stalingrad* (1945), de Theodor Plivier. Também foi nesse período que Gert Ledig lançou o seu primeiro livro, *Stalinorgel (Katyusha)* (1955), que trata de uma batalha em Stalingrado e que foi altamente aclamado, seguido por *Vergeltung* (1956), que, apesar da aprovação inicial, logo caiu no esquecimento.

A geração seguinte quebrou esse silêncio. Ela se identificou com as verdadeiras vítimas do regime nazista (judeus e comunistas) e condenou os pais pelos acontecimentos da Segunda Guerra. As discussões sobre o genocídio se tornaram frequentes, e, com a série televisiva norte-americana de 1978 *Holocausto*, o trauma ganhou um nome, deixando de ser chamado apenas pelo nome do campo de concentração mais importante, Auschwitz.⁶ Segundo Rüsen, é a integração do Holocausto na história alemã que permite que a segunda geração seja capaz de se distanciar da geração dos perpetradores, apontando-os como culpados e identificando-os como o “outro”. Foi a época da chamada *Väter-Literatur* (literatura sobre os pais), em que os filhos questionaram a atuação de seus pais na Segunda Guerra. Um livro emblemático foi *Deutschstunde* (Aula de alemão) (1968), de Siegfried Lenz, no qual um ex-soldado nazista busca obstinadamente, mesmo depois da guerra, cumprir sua missão e destruir todos os quadros de um pintor expressionista. A história é narrada pelo filho do ex-soldado, que preserva essas obras, enfrentando o pai. O foco aqui é um perpetrador que não é mais uma vítima da guerra, mas é, ele mesmo, culpado pelos acontecimentos.

A terceira fase é a que vai possibilitar para a geração dos netos “uma conexão genealógica com os perpetradores”.⁷ A distância é de vital importância para que essa

⁵ RÜSEN. *Zerbrechende Zeit*, p. 284. (Grifos do original).

⁶ ASSMANN. *Der lange Schatten der Vergangenheit*, p. 154.

⁷ RÜSEN. *Zerbrechende Zeit*, p. 294.

reconciliação seja possível e também para que os netos retomem seu papel dentro da cadeia genealógica, mas o momento histórico também desempenha sua função. Durante a fase anterior, os alemães haveriam se proibido de relembra-los sua história como vítimas. Não deveriam rememorar os bombardeios, os estupros infligidos pelos soldados soviéticos no final da guerra ou o papel dos cidadãos como fugitivos ao serem expulsos de suas casas por estarem em um território que seria anexado pela União Soviética. O assunto espinhoso era evitado sob acusações de revisionismo. O trauma das vítimas deveria ser lembrado, enquanto o luto dos alemães se limitava à esfera privada. Robert G. Moeller defende que o final da Guerra Fria foi decisivo para que esses assuntos pudessem ser discutidos publicamente. A imagem de libertadora do regime nazista que a União Soviética desejava passar não era condizente com os estupros e os sofrimentos infligidos aos alemães durante os meses finais da guerra. Ao mesmo tempo que os Estados Unidos e a União Soviética desejavam posar de “mocinhos”, um acusava o outro pelos crimes de guerra: os Estados Unidos seriam culpados por bombardeios impiedosos, e os soviéticos deveriam ser vistos como inimigos tanto antes como depois da guerra.⁸ Esse apontamento remete a uma das reações elencadas por Sebald, de uma mulher que afirmava que os bombardeios nunca foram esquecidos na RDA, onde o ataque a Dresden foi rememorado ano após ano. O cultivo dessa memória na RDA também servia bem para desempenhar o papel de propaganda política contra o Ocidente, nesse caso, representado pelos ingleses. Em 1990, com o final da Guerra Fria, é encerrada essa fase de “pós-guerra” em ambas as Alemanhas, possibilitando uma nova forma de repensar o passado.

Um dos problemas apontados por Moeller é o fato de que as pessoas eram caracterizadas ou como perpetradoras ou como vítimas, o que impossibilitava o diálogo sobre o sofrimento do povo alemão. Qualquer menção aos bombardeios era entendida como revisionismo, o que chegou a ocasionar absurdos como o luto pelos bombardeios sendo executado apenas por neonazistas, enquanto aqueles que eram da extrema-esquerda celebravam a morte dos civis alemães, como se a guerra aérea tivesse uma função meramente política e “didática”.⁹ Nesse período, começam a surgir os primeiros livros que procuravam fazer uma nova leitura da guerra, que se afastavam desse binômio maniqueísta e que, apesar de certa polêmica, contavam com uma recepção majoritariamente positiva. Em 1992, Christopher R. Browning lança *Ordinary Men*, uma pesquisa histórica que tem como base os documentos do processo contra o Batalhão de Policiamento Reserva 101 e que os apresenta através de suas hesitações, suas confusões e seus colapsos nervosos sofridos ao ter de lidar com o extermínio dos judeus. A obra não os exime de culpa, mas busca desconstruir a imagem de nazistas como a encarnação do mal, o que é visto como contraproducente para os esforços de compreender como o Holocausto foi possível. Outra obra relevante é a série de livros *Das Echolot: ein kollektives Tagebuch* (A Ecossonda: um diário coletivo), de Walter Kempowski, que abrange uma série de dez volumes lançados entre 1993 e 2004. Neles, o autor compilou cartas, diários e memórias de testemunhas da guerra e buscou apresentar a guerra através de vozes de

⁸ MOELLER. *Germans as Victims?*, p. 164

⁹ BÖLSCHKE. “So muss die Hölle aussehen”, p. 24.

civis e militares contemporâneos a ela. *Das Echolot* oferece uma larga gama de textos escritos por alemães que fizeram parte da fuga dos soviéticos no final da guerra e de vítimas dos bombardeios. Também é nesse momento que Sebald inicia a discussão sobre a guerra aérea, e, em 1999, poucos meses após o falecimento de seu autor, *Vergeltung* volta a ser publicado e goza de uma boa recepção da crítica em geral.

Apesar do lançamento de alguns títulos de importância na década de 1990, a representação dos alemães como vítimas da guerra só passou a ter grande destaque da mídia em 2002, com o lançamento dos livros *O incêndio*, de Jörg Friedrich, um detalhado estudo histórico sobre os ataques aéreos na Alemanha, e *Passo de caranguejo*, de Günter Grass, que retrata o naufrágio de Wilhelm Gustloff, que levava fugitivos da Prússia Oriental.

RETALIAÇÃO

Todas as resenhas negativas que *Vergeltung* recebeu na ocasião de seu lançamento se referiam ao excesso de crueldade exposto no livro.¹⁰ A elevada brutalidade pode ser percebida já desde suas primeiras linhas. Após uma breve informação sobre o tempo, “Horário da Europa Central 13:01”, o livro é aberto com o seguinte parágrafo:

Vinde a mim as criancinhas. –

Quando a bomba caiu, a pressão do ar atirou as crianças mortas contra o muro. Elas haviam sufocado anteontem em um porão. Havia sido deixadas no cemitério, porque seus pais lutavam no *front* e suas mães ainda deveriam ser procuradas. Apenas uma foi encontrada. Mas ela estava esmagada sob os escombros. Essa era a aparência da retaliação.¹¹

A informação inicial é vaga. Não há menção à cidade na qual o ataque aéreo é efetuado ou à data exata na qual ele ocorre. Esse dado introdutório, localizado no topo do prólogo do livro, só serve à função de localizar o ataque durante o dia e para, em conjunto com o horário oferecido no epílogo, demarcar a duração dos acontecimentos descritos em um período de exatos 69 minutos. Em seguida, a frase bíblica que faz menção à pureza e à inocência das crianças é interrompida pelo impacto da primeira bomba, em uma descrição que demonstra como os ataques eram incessantes e serviam para continuar castigando cidades que já se encontravam devastadas: as crianças estavam mortas desde o dia anterior. Aos civis, não foi permitido que exercessem o luto. Essa brutalidade intrínseca aos ataques é descrita de forma a apagar a tranquilidade que ainda poderia ser transmitida pela citação bíblica: mesmo que a menção a “Vinde a mim as criancinhas, pois é delas o reino dos céus” pudesse servir como um consolo de que as bombas estariam levando essas almas inocentes para um lugar melhor, sem dor, aqui ela não encontra essa função, pois as crianças já haviam falecido. O que é representado é apenas uma espécie de violação dos corpos, que não podem encontrar a paz mesmo no cemitério. O primeiro parágrafo é uma prévia da maneira como o livro irá se desenvolver. O que será descrito são as mortes sem sentido que resultaram da retaliação.

¹⁰ RADVAN. *Rezeptionsgeschichte*, p. 214.

¹¹ LEDIG. *Vergeltung*, p. 11.

A obra é composta de 13 capítulos, um prólogo e um epílogo. Cada capítulo é iniciado por uma espécie de minibiografia, em que uma das vítimas do bombardeio se apresenta com nome e data de nascimento e conta algo que tenha sido relevante em sua vida. Os poucos momentos que não são marcados por uma forte tensão no livro se encontram nas biografias, como quando a moça Maria Erika Weinert conta que sua cor favorita era azul e que havia rosas no quintal de seus pais, ou quando Werner Friedrich Hartung relata que era feliz em sua vida com mulher e filho. Junto a esses *flashes* daquilo que se perdeu devido à guerra se encontram alusões à Alemanha nazista, seja através do relato de ascensão na carreira militar, seja através da morte dos filhos em batalha, seja através de pequenos detalhes como a proibição de dançar lamentada por uma moça. Uma das poucas biografias que não remete ao nazismo é a de Maria Sommer, que conta como sua vida foi destruída pela Primeira Guerra, quando seu marido foi convocado, sofreu uma lesão cerebral em campo de batalha e se tornou inválido e epilético. O texto de Sommer é uma espécie de marcação que remonta as causas desses ataques a um acontecimento anterior à chegada de Hitler ao poder. É através de uma dessas biografias que a data do bombardeio é revelada, quando Alfred Rainer afirma: “Em 2 de julho de 1944, entre uma e duas da tarde, eu morri. Minha morte não teve sentido. Ela não prejudicou nem serviu a ninguém, mas eu não reclamo por isso”.¹²

Embora grande parte das personagens do livro não seja tratada por seu nome próprio, sendo referidas como “a moça”, “o homem”, “o padre” ou “o radiotelegrafista”, todas as principais personagens têm seu nome revelado nas 12¹³ biografias apresentadas ao longo do livro. Quando a narrativa não oferece nomes, a relação entre personagem e biografia é feita através de pequenos detalhes, como Hartung, que é reconhecido por uma breve menção ao fato de ter um pé mais curto que o outro.

O ritmo da narrativa é rápido, e ela muda de foco frequentemente, sem se prolongar em um mesmo cenário. Ela não trata apenas de civis, mas também de soldados alemães e russos e dos norte-americanos, responsáveis pelo ataque. Os civis se encontram basicamente em três cenários: o apartamento de um casal de idade que permanece ali sem buscar ajuda, um porão e um *bunker*. Como aponta Jörg Friedrich, os porões foram um abrigo improvisado que acabou se demonstrando uma verdadeira armadilha. “Em agosto de 1939, a Portaria n. 9, calcada na Lei de Defesa Aérea, obrigou todos os proprietários de imóveis a converterem seus porões em abrigos antiaéreos”.¹⁴ Como a guerra aérea era uma novidade, suas consequências ainda não eram conhecidas. Se os porões eram um lugar seguro para se esconder das bombas, uma vez que os incêndios começavam, eles se enchiam de monóxido de carbono, o que matava seus ocupantes asfixiados. Além disso, não era incomum que houvesse desmoronamentos, enterrando

¹² LEDIG. *Vergeltung*, p. 41.

¹³ O quinto capítulo não é aberto por uma biografia, mas pela carta de um soldado para sua mãe. Essa carta é assinada com “todo o amor do seu filho”, sem dar um nome ao soldado. No documento, o filho esclarece à mãe que ela está se confundindo, ele não está a serviço na cidade. No final do livro, será revelado que esse documento foi escrito por um soldado que foi erroneamente declarado morto na ocasião do bombardeio.

¹⁴ FRIEDRICH. *O incêndio*, p. 371.

seus ocupantes no local que deveria ser sua salvação. Ledig explora todas as complicações que podem dar-se dentro desse espaço, mas ultrapassa a descrição de complicações “técnicas”, e o ambiente claustrofóbico do porão acaba revelando ser hostil por razões que vão além do ataque aéreo. A trajetória daqueles que ocupam o porão é marcada por uma série de erros, acidentes e intolerância. A tentativa de levar uma senhora doente para o porão é fracassada, pois ela é pesada demais para as duas mulheres que se dispõem a fazer o trabalho, as quais acabam jogando-a escada abaixo, sem conseguir levá-la. Os outros vizinhos, que não viram o que aconteceu, mas também não fizeram qualquer esforço para ajudar, começam a fazer acusações àqueles que deixaram a viúva no andar de cima. Logo se constata que a viúva não poderia mais entrar porque a porta está travada, o que causa um ataque de pânico em uma jovem que, após se urinar, começa a gritar e espernear que não quer morrer. Seu ataque histérico é silenciado por um dos moradores, que lhe tapa a boca e a respiração. O silenciamento é seguido por um burburinho dos presentes, que discutem se ela está viva ou morta e acusam o responsável de assassinato até o momento em que ela recobra a consciência. Nesse momento, a luz da vela começa a se extinguir, e a certeza de que o ar está se tornando rarefeito faz com que haja uma busca desesperada de abrir a porta, o que causa um desmoronamento. Os únicos sobreviventes são a moça e o homem que a calou, presos um sobre o outro. A cena de destruição e morte, contudo, não abre precedentes para um pouco mais de tolerância e compreensão. Aproveitando-se da ausência de testemunhas e da proximidade forçada, o homem morde, machuca e violenta a moça:

“Mexa-se!”

Tudo se misturou: dor, nojo, vergonha. Ela não pensava mais. No ritmo dos corpos, ela começou a gemer. O arquejo do desejo dele em seus ouvidos, seu peso sobre ela. O entulho fazia pressão sobre seus ombros. O ar cheirava a excremento. Ela se movimentava. Ela se movimentava. Sobre ela, ele guinchava feito um animal.¹⁵

Devido aos ferimentos sofridos no desabamento, o homem morrerá poucos minutos antes da vítima. A descrição do falecimento da garota apresenta traços mais brandos que oferecem um resquício de dignidade que não é encontrado em outras partes do livro: “A moça adormeceu. A tensão deixou seu corpo [...] A areia escorreu sobre o seu ventre e procurava esconder o que lhe acontecera. Como último movimento, ela juntou suas mãos”.¹⁶ A ação humana não é capaz de acolher a moça como a areia e os escombros o fazem.

A desestabilidade emocional, muitas vezes beirando a loucura, e a descrição de cenas repulsivas são a marca dessa obra. A senhora Cheovski está decidida a morrer, porque perdeu os filhos para a guerra. Por isso, ela permanece no apartamento e ignora os pedidos do marido de se dirigir à porta. Mas ela não age com apatia, e sim com loucura. Ela aguarda o incêndio com maquiagem e roupa de gala e convida o marido a jogar uma partida de *bridge*. Essa decisão diante da perda dos entes queridos não teria maiores consequências se um soldado não fosse enviado para salvar o casal. Pensando

¹⁵ LEDIG. *Vergeltung*, p. 110-111.

¹⁶ LEDIG. *Vergeltung*, p. 172.

na mãe falecida, o jovem carrega a mulher no colo enquanto sua própria cabeça arde em chamas: “Seu rosto estava azul. Onde outras pessoas têm cabelo, havia nele cinzas. Sobre seu crânio, sobre seus olhos e nos lábios. Não havia mais pele em seu rosto. Suas bochechas eram compostas de carne queimada”.¹⁷ Após salvar a mulher, o soldado moribundo é abandonado pelo casal, que segue seu caminho, sem olhar para trás.

A descrição da condição dos soldados alemães, russos e norte-americanos se dá no mesmo ambiente de desespero e descontrole, mas é possível identificar algumas diferenças de tom nas ações de cada grupo. Os soldados russos são apresentados em estado de miséria. Eles são introduzidos com a minibiografia de Nikolai Petrowitsch, que afirma: “Minha mulher Lisaweta deve estar morta. A pequena Lisaweta também deve estar morta. O pequeno Andrei Nikolajewitsch também deve estar morto; meu menino. Todas as noites, eu sonho com pão. Sempre, novamente, com pão seco. Pão”.¹⁸ Petrowitsch é um homem despido de esperanças que sofre de uma fome severa devido à falta de provisões de seu exército. No campo de batalha próximo à cidade, ele discute com um colega sobre como dividirão os bens de um terceiro, moribundo, que acompanha a conversa. Com a chegada dos ataques, e sem proteção alguma, até mesmo seu extinto de sobrevivência se perde: “Nikolai Petrowitsch morreu em vida. Ele não sonhava mais com pão. Mortos não têm fome”.¹⁹ Ao encontrar um cadete alemão, Petrowitsch discute e implora pela morte até ser finalmente atendido.

Há uma grande gama de militares alemães presentes no livro, o que também permite que suas caracterizações sejam variadas. Um deles, o soldado Hartung, representa aqueles que apenas participaram pela obrigação imposta. Sua biografia informa que ele trabalhava como professor e que “a minha relação com os meus alunos foi, condicionada pela época, um pouco tensa. Eu creio que eles me desprezavam. No seu ponto de vista, eu não era um patriota”.²⁰ A prioridade de Hartung, como fica claro desde as primeiras páginas do livro, não é a nação ou o trabalho coletivo, mas sua família. Trabalhando na escuta das transmissões inimigas, ele obtém a informação de que um dos alvos do bombardeio é a estação de trem na qual sua mulher e seu filho se encontravam. A partir do momento em que obtém essa informação, Hartung não tem outro desejo senão largar seu posto e verificar se seu filho está a salvo. Como ele não recebe a permissão de seus superiores devido ao perigo envolvido, ele espera a oportunidade de sair despercebido. No caminho, Hartung é interceptado por um soldado alcoolizado que o acusa de tentar roubar algo que ele sequer sabe definir o que seria. Após sofrer várias ameaças de um grupo de militares bêbados, Hartung finalmente consegue fugir e é atingido por uma bomba a poucos metros dali.

Enquanto isso, o sargento norte-americano Jonathan Strenchen tem uma história que se relaciona em algum grau com os diferentes tipos e grupos de militares alemães presentes na obra. Strenchen não tem satisfação em cumprir sua função e vomita todas

¹⁷ LEDIG. *Vergeltung*, p. 141.

¹⁸ LEDIG. *Vergeltung*, p. 53.

¹⁹ LEDIG. *Vergeltung*, p. 101.

²⁰ LEDIG. *Vergeltung*, p. 30.

as vezes em que solta as bombas. Após saltar de paraquedas e perder as calças na queda, Strenhen segue, nu da cintura para baixo, procurando contato e a salvação com os alemães: “Ele retirou sua arma, arremessou-a para longe de si. Se ele estivesse desarmado não poderiam fazer nada contra ele. Os alemães. Ele ansiava por pessoas”.²¹ Nesse momento, o leitor sabe que há uma possibilidade de salvação para o sargento: o tenente responsável pelas escutas já havia ordenado a seus homens que cuidassem para que nada acontecesse ao norte-americano, mas Strenhen nunca encontrará esse grupo. Primeiro, ao avistar uma porta de metal e adentrar o recinto, Strenhen encontra um engenheiro e um mecânico. Sem conhecer nenhuma palavra alemã, o norte-americano repete seguidas vezes “*Thanks!*”, indicando que é inofensivo e que espera receber ajuda, mas o engenheiro deseja vingança pela morte de sua esposa em um dos ataques e ordena que o mecânico elimine o estrangeiro. O que se observa nesse momento é um “jogo de empurra”, pois nenhum dos dois homens quer ser responsável pelo assassinato. O engenheiro manda, mas não deseja executá-lo, já o mecânico afirma que não pode fazer o serviço porque não é capaz sequer de matar seus coelhos. A recusa do mecânico pouco tem a ver com o respeito à vida humana, mas com uma repulsa física ao ato de matar. Embora a discussão sobre os assassinatos dos judeus não estivesse em pauta no momento do lançamento do livro, essa reação remete ao que se relata sobre os homens da SS. Muitos tiveram dificuldades de lidar com a função de executar os judeus, em especial devido à exposição aos cadáveres, havendo relatos sobre pessoas que sofreram problemas de desequilíbrio emocional devido à tarefa. Mas essa questão era uma reação física à morte e não foi causada pela consciência de que o extermínio dos judeus não era certo. O mecânico resolve essa situação abrindo a porta e jogando o norte-americano de volta para o lado de fora. Sua morte era certa, seja pelo bombardeio, seja pelas mãos de outros alemães; o mecânico apenas não queria ser a pessoa a executá-la. Strenhen continua procurando um abrigo, mas é dentro de um *bunker* que ele encontra a morte. Quando os civis o reconhecem como um bombardeiro, adultos e crianças clamam pelo linchamento do “piloto terrorista”, que é atacado de maneira furiosa e atroz. Contraditoriamente, sua morte não é festejada, mas constatada por um dos agressores com a palavra “Assassinato!”. A acusação parece abrir os olhos do grupo para as próprias ações, e eles reagem entoando o Pai-Nosso, enquanto os homens tiram seus chapéus em sinal de luto. Após as últimas frases da oração, “Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”, uma voz ao fundo acrescenta “Porque eles não sabem o que fazem”,²² o que é repetido por todo o coro de vozes. Essa oração, que remete ao linchamento do inimigo, pode ser estendida a todos os alemães, como um pedido de perdão por terem agido cegamente sob o regime nazista.

Na narrativa de *Vergeltung*, os russos e até mesmo os norte-americanos são vítimas da guerra. Não há mácula na atitude dos norte-americanos; se Strenhen vomita sempre que provoca mortes e acredita, inocentemente, que pode encontrar salvação nos braços dos alemães, o capitão Lester é um homem negro que entende a guerra como libertação,

²¹ LEDIG. *Vergeltung*, p. 73.

²² LEDIG. *Vergeltung*, p. 176.

porque seu pai lutou para que ele fosse um homem livre, e essa guerra não teria outro significado além da liberação dos norte-americanos. Além disso, Lester executa seu trabalho enquanto reza por absolvição, na certeza de que morrerá em meio a uma ação pecaminosa. Russos e norte-americanos lutam em nome da liberdade, enquanto os alemães lutam por diferentes razões, como obrigação, zelo pelos colegas e compatriotas pelo orgulho nazista. As personagens que são descritas em seu elo com o regime nazista não passam de um grupo de delinquentes bêbados, eles clamam por vingança e um deles comemora com risos quando sua escola pega fogo. Mas isso não é um indício de que Ledig exima os outros alemães de sua culpa. Mesmo os civis são apresentados como selvagens, não apenas no ataque contra o norte-americano desprotegido, mas também no trato com outros alemães, como a moça que praticamente é asfixiada por um homem bruto que a obriga a se calar diante de toda a vizinhança, que não reage ao ver a agressão. O narrador também se expressa de forma negativa sobre a obediência cega, ao descrever a reação de um batalhão às ordens de seu comandante: “Sim, senhor!'/Eles responderam ao mesmo tempo. Faziam tudo o que ele ordenava obedientemente. Isso era o pior”.²³

O posicionamento do autor quanto aos bombardeios também pode ser intuído do título da obra, mas uma observação mais atenta de sua argumentação se faz necessária. A discussão sobre a moralidade da guerra, como feita pelo Jochen Bölsche,²⁴ baseia-se no conceito de “retaliação”. Se a guerra aérea, por um lado, é injusta devido à morte de milhares de civis e não serviu em nada para acelerar o final da guerra, por outro lado, a destruição desmesurada causada pelos ataques aéreos alemães de 1940 contra Roterdã e Coventry justificava as ações contra a Alemanha. Como Bölsche observa, no início dos anos 1940, os civis ingleses acreditavam que era adequado atacar apenas as bases industriais alemãs, mas após os ataques a Londres e Coventry eles passaram a clamar por retaliação. A retaliação é vista como justa do ponto de vista político e militar, mas não há uma concordância sobre ela do ponto de vista religioso. Se, por um lado, a retaliação também é um conceito bíblico, defendido no Velho Testamento com expressões como “Olho por olho, dente por dente”, a Igreja não abençoou a ação destruidora dos ataques aéreos, como se verifica nos apelos feitos em 1944 pelo bispo britânico George Bell: “Colocar os assassinos nazistas no mesmo nível que o povo alemão significa o mesmo que propagar a barbárie”.²⁵ Por outro lado, mesmo o pacifista Mahatma Gandhi julgou os ataques aéreos como uma ação necessária para vencer o inimigo, que recebeu o troco na mesma moeda: “Em Dresden e Hiroshima, Hitler foi vencido com Hitler”.²⁶

Em uma obra cujo autor descreve os acontecimentos aparentemente sem emitir conceito de juízo – pelo que Ledig foi criticado na ocasião do lançamento do livro²⁷ –, a discussão sobre a “justiça” da retaliação se dá, primeiramente, através das vozes (destoantes) das próprias personagens. Através da perspectiva dos norte-americanos, a

²³ LEDIG. *Vergeltung*, p. 22.

²⁴ BÖLSCHKE. “So muss die Hölle aussehen”.

²⁵ BELL citado por BÖLSCHKE. “So muss die Hölle aussehen”, p. 29.

²⁶ GANDHI citado por BÖLSCHKE. “So muss die Hölle aussehen”, p. 28

²⁷ RADVAN. *Rezeptionsgeschichte*, p. 214.

ação é justificada como uma retaliação política que visa à garantia da liberdade, a morte dos civis não é tematizada por eles – apenas através da busca de expurgar a culpa com orações. As perdas causadas pela guerra também são apontadas como justas pelo senhor Cheovski no momento em que responde à pergunta de sua esposa, que questionava se era necessário que seus filhos morressem: “Claro! Você disse que nós estamos pagando a conta! [...] Deus quer assim. Você crê em Deus?’ Sua voz estava cheia de dúvida”.²⁸ Cheovski também trata apenas da morte de militares, sem questionar a ação que está sendo aplicada contra civis no momento da conversa. Como a conversa trata de seus próprios filhos, o pai, desolado, deve se ligar à crença em uma retaliação divina que justifique perdas tão severas. Não considerar esses acontecimentos como justos, para ele, seria o mesmo que admitir a inexistência de Deus.

A questão da religião (cristã) está presente em toda a obra, em especial devido à busca por sentido ou por amparo quando se está diante da morte. Cheovski procura por sentido na morte dos filhos, o capitão Lester deseja perdão e reconciliação com o Senhor, assim como os alemães oram após o linchamento do norte-americano. Mas também há aqueles que barganham. Strenhen, quando é jogado para fora da sala do arquiteto e fica exposto ao bombardeio, é um deles: “Eu creio em Deus se ela abrir agora. Não precisa ser imediatamente, pensou ele. Um minuto. A porta continuou imóvel. [...] Strenhen pensou: Deus, Deus. Se a porta se abrir existe um. Meio minuto se passou: Deus é uma invenção”.²⁹ Esse tipo de barganha é feita até mesmo pelo padre que é incapaz de rezar diante à certeza da morte, relembra seus pecados, ri em desespero e, por fim, se perde em devaneios, esperando ter o direito a uma morte mais branda devido a sua atividade em vida: “Se existir um Deus, ele deve se anunciar agora. Talvez saindo das chamas. Uma voz paternal cheia de amor”.³⁰

O epílogo é iniciado com “Gott mit uns” (Deus está conosco),³¹ uma menção ao lema prussiano que no Terceiro Reich foi utilizado nas insígnias de militares. Há uma certa ironia nesse uso após toda a destruição. A descrição segue com a apresentação de Cristo arrancado da cruz pelas bombas e um sacerdote que consola a família de Strenhen com a afirmação de que tudo acontece de acordo com os desejos do Senhor. Nessas expressões, a existência de um Deus que esteja acima de tudo permanece em suspenso, sem deixar claro se as mortes são a expressão da ira divina que exige a retaliação do inimigo. Mesmo a morte dos aliados ainda poderia ser interpretada como um sacrifício exigido para que se alcançasse um bem maior. O paralelo entre Strenhen e Jesus Cristo se dá minutos antes de seu linchamento: “Pai, pensou Strenhen, o fazes comigo?”.³² Como Cristo na cruz, Strenhen chama Deus de “pai”, mas o que o norte-americano questiona são os desígnios de Deus, e não se ele foi abandonado de seus cuidados. Além disso, os próprios alemães citam a morte de Cristo, quando utilizam a frase “Eles não sabem o que fazem” ao pedir perdão. Apenas nas últimas linhas do livro o autor se

²⁸ LEDIG. *Vergeltung*, p. 104.

²⁹ LEDIG. *Vergeltung*, p. 103.

³⁰ LEDIG. *Vergeltung*, p. 79.

³¹ LEDIG. *Vergeltung*, p. 177.

³² LEDIG. *Vergeltung*, p. 168.

expressa sobre o ocorrido, dissipando as dúvidas sobre a ação divina: “Depois do septuagésimo minuto, o bombardeio continuou. A retaliação cumpria seu trabalho./Ela era irrefreável./Apenas o Juízo Final. Isso ela não era”.³³ Nessa conclusão, o autor não se exprime sobre a existência ou não de um deus, mas deixa claro que essa retaliação é executada somente pela mão do homem e não segue os justos desígnios de Deus.

Em 1956, a crítica a *Vergeltung* se dividiu entre o grupo daqueles que consideravam a linguagem utilizada por Ledig precisa e que ele tinha uma excelente capacidade de representação e aqueles que consideraram a obra excessivamente cruel e repulsiva, havendo até mesmo alguns que acharam a descrição do bombardeio exagerada e não condizente com a realidade.³⁴ Essas críticas foram claramente pautadas pela experiência pessoal de seus autores, a qual definiu se o que era descrito deveria ser entendido como verossímil ou não. Mas a precisão das descrições não parece ter sido o que causou o desaparecimento do livro por tão longos anos, e sim o fato de as mortes brutais serem despidas de qualquer sentido ou consolo. Apenas o distanciamento temporal de pouco mais de dez anos não era suficiente para que o público já estivesse pronto para receber o livro, pois o processo de recuperação da guerra foi muito mais extenso na Alemanha. Além de o país ter sofrido a divisão em duas partes, a questão da culpa pelos crimes de guerra, da destruição das cidades e do extermínio de judeus ainda deveria ser trabalhada. A discussão aberta por Sebald foi um sinal de que era chegado o momento para que *Vergeltung* encontrasse uma repercussão notadamente positiva.³⁵ Sebald clamava por livros que representassem a destruição da guerra aérea de forma direta, sem rodeios. O público leitor, agora formado principalmente por descendentes das testemunhas da guerra, ansiava compreender o que seus antepassados viveram, e a crueldade explícita oferecida pelo texto de Ledig parece ser eficaz para esse propósito. Também é adequado para a recepção na atualidade que Ledig, apesar da representação acentuadamente maculada dos nazistas, não limita a loucura a essa esfera: o desequilíbrio e a maldade estão espalhados entre militares e civis, e a obediência cega já era vista como um problema. Ao deixar de delegar a culpa a um pequeno grupo que estava no poder, o autor oferece uma representação dos fatos mais aproximada da forma como a História é vista nos dias de hoje, o que garante que a representação que ele produz dos ataques não seja datada.

Em suas conferências, Sebald acusou os alemães de não haverem produzido eficientes representações do que foi vivenciado em decorrência dos ataques aéreos. O que se observa, no entanto, é que essa falha não envolvia a ausência de um impulso da escrita e da representação, mas sim a ausência de um público que lesse esse material. Isso pode ser constatado também através de obras como *O anjo silencioso*, de Heinrich Böll, citada pelo próprio Sebald, que foi escrita em 1949, mas publicada apenas em 1992, ou através das excessivas censuras sofridas pelo texto de Erich Maria Remarque, *Tempo de viver, tempo de morrer* (1954).³⁶ O distanciamento dos acontecimentos era

³³ LEDIG. *Vergeltung*, p. 178.

³⁴ RADVAN. *Rezeptionsgeschichte*, p. 214-215.

³⁵ RADVAN. *Rezeptionsgeschichte*, p. 220-221.

³⁶ HAGE. *Zeugen der Zerstörung: die Literaten und der Luftkrieg*, p. 41.

necessário para que se pudesse tratar o trauma. Caminhar para frente e almejar o futuro, como Sebald afirmou que era a intenção dos alemães, certamente foi uma necessidade que deveria ser cumprida para que a vida não estagnasse. Mas, como em um processo em que só se pode tratar da ferida depois de esclarecer suas causas, a relação dos alemães com as nações e os grupos minoritários por eles prejudicados também devia ser trabalhada antes que fosse possível tratar das próprias perdas, como aquelas que foram causadas pela guerra aérea.



ABSTRACT

In 1997, W. G. Sebald presented two conferences at the University of Zurich, in which he defended the thesis that the aerial attacks suffered in Germany did have almost no echo in the literary representations produced in the country. With the exception of one narrative written by Hans Erich Nossack, the few fictional descriptions available were brief, highly ornamented, unable to offer an approximate image of the horror brought by the bombings. His assertions had great repercussion, and were a fertile impulse to the discussion of the subject. In this context, Gert Ledig's *Vergeltung* (Retaliation) (1956) became Volker Hage's main example to asseverate that German literature did indeed produce relevant works about the theme, but that trauma did not allow a positive reception by readers in general, which was the reason why this book and others were forgotten. This paper presents the discussion involving Sebald's thesis and some of the characteristics that might have caused a greater resistance to *Vergeltung* at the time of its publication: the crude explicit brutality of the physical and psychic destruction that goes through the whole book and the way that the author exposes the question of the bombings as a retaliation.

KEYWORDS

Second World War, aerial warfare, memory

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. *Der lange Schatten der Vergangenheit*. München: C.H. Beck, 2006.
- BÖLSCHKE, Jochen. "So muss die Höller aussehen". In: BURGDORFF, Stephan; HABBE, Christian (Org.). *Als Feuer vom Himmel fiel: der Bombenkrieg in Deutschland*. Bonn: Bundeszentrale für Politische Bildung, 2004. p. 18-38.
- FRIEDRICH, Jörg. *O incêndio*. Tradução de Roberto Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- HAGE, Volker. *Zeugen der Zerstörung: die Literaten und der Luftkrieg*. Frankfurt am Main: Fischer, 2003.
- LEDIG, Gert. *Vergeltung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.

MOELLER, Robert G. Germans as Victims? *History & Memory*, v. 17, n. 1-2, p. 147-194, Spring/Summer 2005.

RADVAN, Florian. Rezeptionsgeschichte. In: LEDIG, Gert. *Vergeltung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004. p. 213-222.

RÜSEN, Jörn. *Zerbrechende Zeit*. Köln; Weimar; Wien: Böhlau, 2001.

SEBALD, Winfried Georg. *Guerra aérea e literatura*. Tradução de Carlos Abbenseth e Frederico Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

